

Inimigos Declarados *Com Brasil*

A véspera do fim da indexação automática para preços e serviços está servindo de campo de batalha entre duas culturas econômicas. A velha escola inflacionária da acomodação aos preços passados pela indexação resiste à nova ordem da concorrência e da eficiência. O setor mais dinâmico já se adaptou à competição e investe para se modernizar.

O consumidor precisa estar atento a esse jogo: o resultado tem tudo a ver com o seu destino. As pesquisas que mostram Rio e São Paulo como duas das grandes cidades do planeta com o mais alto custo de vida do mundo não chegam a espantar. Um país que viveu tanto tempo fechado à concorrência externa e sob domínio dos cartéis e oligopólios que dão as cartas na economia só poderia oferecer o pior para o consumidor.

As dificuldades da estabilização da economia brasileira são enormes exatamente porque não basta ao governo abrir as importações, manter rígido equilíbrio das contas públicas (até porque as finanças estaduais e municipais escapam ao controle federal), apertar o crédito e segurar o câmbio.

Apesar do esfriamento da economia — que já começa a preocupar — nota-se ao lado da deflação de preços de produtos agrícolas, em função da supersafra, uma pressão incontrolável de setores que se acostumaram com o lucro fácil da inflação continua investindo contra o bolso do consumidor e a estabilização.

O consumidor brasileiro provou as vantagens de ter a abertura da economia como aliada. Os setores cuja produção estava exposta à concorrência estrangeira apresentaram aumento moderado de preço. Já as áreas submetidas à baixa concorrência ou à competição inexistente tiveram preços disparatados. O nome dos reajustes abusivos de preços ainda sujeitos a correções anuais de valores é ganância.

O fechamento e a cartelização da economia brasileira em torno de monopólios e oligopólios criaram um tipo de empresário que desrespeita a regra número um da economia de mercado: o consumidor em primeiro lugar. Os serviços de saúde e as mensalidades escolares são áreas típicas que ficaram a salvo dos ventos arejadores da concorrência.

Será preciso um grande esforço do governo para enquadrar alguns espertalhões que insistem em explorar a gente do povo. A área de roupas e confecções também aponta aberrações incríveis entre os salgadíssimos preços internos (sem a correspondente qualidade) em relação às roupas importadas. Por tudo isso, o governo deve aproveitar o fato de que a febre consumista está passando para ter o consumidor como maior aliado (e interessado) na luta contra a carestia e a ganância. A próxima batalha da desindexação, a partir de 1º de julho, já tem os inimigos declarados.

JORNAL DO BRASIL